

VIVÊNCIAS DE MÃES UNIVERSITÁRIAS DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19 NA REGIÃO NORTE DO BRASIL

EXPERIENCES OF MOTHERS AT UNIVERSITY
DURING THE COVID-19 PANDEMIC IN THE NORTHERN REGION OF BRAZIL

DOI: 10.16891/2317-434X.v13.e3.a2025.id2043

Recebido em: 06.07.2024 | Aceito em: 07.10.2025

Manuela Gomes Batalha^{a*}, Marck de Souza Torres^a, Denise Machado Duran Gutierrez^a

Universidade Federal do Amazonas^a
***E-mail: manuelagomesbt@gmail.com**

RESUMO

Com o surgimento da pandemia de COVID-19, o isolamento social foi adotado como estratégia de controle da disseminação da doença. Isso exigiu da população uma readaptação do cotidiano e do ambiente doméstico, além da utilização do ensino remoto para continuidade dos estudos. O objetivo desse trabalho foi compreender as vivências de mães universitárias, perpassadas por desafios e sofrimentos intensificados pelo isolamento social e grande carga de trabalhos domésticos durante a pandemia de COVID-19. Participaram da pesquisa cinco mães universitárias vinculadas a instituições públicas e privadas de ensino superior através da realização de grupo focal de forma remota. Os resultados indicaram sobrecarga, exaustão providas das diversas atribuições profissionais e acadêmicas, e a universidade como um espaço onde as relações são assimétricas e o exercício de poder é desigual. A pandemia, apesar de ser uma adversidade temporal significativa, colaborou para o surgimento de modos de enfrentamento positivos, aumentando o potencial de resiliência das mães.

Palavras-chave: pandemia de Covid-19; maternidade; universidade.

ABSTRACT

With the emergence of the COVID-19 pandemic, social isolation was adopted as a strategy to control the spread of the disease. This required the population to readapt their daily lives and home environment, in addition to using remote learning to continue their studies. The objective of this work was to understand the experiences of university mothers, marked by challenges and sufferings intensified by social isolation and a heavy burden of domestic work during the COVID-19 pandemic. Five university mothers affiliated with public and private higher education institutions participated in the research through the remote conduct of a focus group. The results indicated overload, exhaustion stemming from various professional and academic responsibilities, and the university as a space where relationships are asymmetrical and the exercise of power is unequal. The pandemic, despite being a significant temporal adversity, contributed to the emergence of positive coping mechanisms, increasing the resilience potential of mothers.

Keywords: Covid-19 pandemic; maternity; university.

INTRODUÇÃO

O contexto mundial mudou drasticamente no fim do ano de 2019, em razão da pandemia de COVID-19. A Organização Mundial de Saúde (OMS) estabeleceu o isolamento de casos suspeitos e o distanciamento social como estratégias para mitigar a transmissão comunitária, e, por conseguinte, a sobrecarga nos serviços de saúde. Até aquele momento, não havia registros de tratamentos eficazes baseados em evidência contra a nova doença (Oliveira, Lucas & Iquiapaza, 2020; Sá et al., 2021).

Devido ao distanciamento social, as famílias precisaram ajustar seus cotidianos, aumentando o volume de trabalho doméstico, atividades e encontros sociais online. Tais ajustes impactaram na economia, relações sociais, convivência familiar e saúde mental das pessoas. O impacto na saúde mental foi ainda maior entre as mulheres, sobretudo entre as que são mães, pois as atividades de cuidados com a família e compromisso com os estudos foram muito intensificadas (Lago, Douvletis, Andrade & Benincasa 2022).

No processo histórico de composição e recomposição de representações, a mãe biológica tem sido vista como a principal e melhor cuidadora dos filhos. Tal concepção foi difundida na Europa do século XVIII – resguardada pelos discursos médicos e filosóficos ao longo do tempo – corroborando com a ideia de que as mulheres possuem a disposição natural e instintiva de proteger a prole (Visintin & Aiello-Vaisberg, 2017).

A sociedade maternocentrada dificulta a participação dos pais no desenvolvimento das atividades domésticas e relacionadas aos filhos. A ênfase na relação mãe-filho, estudada e exaltada pela psicologia, se tornou mais uma ferramenta a dissolver a importância da figura paterna no desenvolvimento infantil, reforçando os conceitos tradicionais da sociedade. Tais elementos, embasados por uma cultura patriarcal, sustentam a supervalorização da maternidade, inserindo a mulher em um ideal esperado pela sociedade (Borsa & Nunes, 2011).

Como resultado desse conjunto de forças simbólicas e mudanças sociais, as mães na contemporaneidade, em particular as mães universitárias, enfrentam um dilema em sua subjetividade: o desejo pela satisfação pessoal/profissional e a imposição de um papel – social e histórico – de cuidado e doação atribuído a elas (Menezes et al., 2012). O ingresso na universidade torna-

se um processo de transição que envolve aprendizados e enfrentamentos vivenciados na instituição. As demandas da vida acadêmica extrapolam os muros da academia e se entrelaçam na vida cotidiana das estudantes e seus filhos (Urpia & Sampaio, 2011). Assim, é comum observar-se os atrasos ou paralisação do curso, muitas vezes resultantes da falta de suporte social, recursos e ambientes facilitadores para cuidar do(a) filho(a) (Menezes et al., 2012).

Para se compreender a vivência das mães universitárias, buscou-se um olhar fundamentado na Teoria Bioecológica de Urie Bronfenbrenner, com enfoque no Modelo PPCT (Processo-Pessoa-Contexto-Tempo). Nesta perspectiva, o desenvolvimento pessoal depende de quatro dimensões: o processo proximal, as características próprias da pessoa em desenvolvimento, o contexto/ambiente e o tempo histórico no qual vive (Bhering & Sarkis, 2009).

A dimensão Processo se dá nas interações recíprocas entre pessoas, objetos e símbolos de forma gradativa. Sua definição é feita a partir do envolvimento em uma atividade, com regularidade, para que, ao longo do tempo, exista uma complexidade e reciprocidade das relações interpessoais, fruto do encorajamento, da exploração e curiosidade do indivíduo (Narvaz & Koller, 2004). Sendo assim, os processos proximais (PPs) ocorrem quando há reciprocidade nas relações e interações contínuas que estimulam a exploração. Desse processo podem surgir dois principais resultados: a competência, ou seja, a aquisição de conhecimentos e habilidades que avançam à integração de variados domínios, ou a disfunção, que representa a dificuldade em manter as interações, muitas vezes ocasionando interrupções (Bhering & Sarkis, 2009).

A dimensão Pessoa é dividida em três núcleos, compostos por características pessoais que vão agir diretamente nos processos proximais e, por consequência, em seu desenvolvimento: 1) disposições comportamentais, que podem ser ativas – quando as características generativas pessoais promovem engajamento em atividades e pessoas – ou inibidoras – quando a pessoa é tímida, por exemplo; 2) recursos: referem-se às potencialidades ou necessidades encontradas no curso da evolução pessoal. São aspectos orgânicos, que podem afetar os processos proximais de diferentes maneiras ao longo da vida do indivíduo; 3)



demandas: são aspectos de personalidade, ações que podem ou não estimular reações sociais, tanto positivas quanto negativas (De Carvalho-Barreto, 2016).

A dimensão Contexto representa eventos ou condições que podem influenciar ou ser influenciados pelo indivíduo em desenvolvimento, desdobrando-se em quatro níveis: 1) microssistema, que é o ambiente onde ocorrem as principais interações que podem ou não encorajar o indivíduo a se envolver em atividades no ambiente imediato; 2) mesossistema, elo entre dois ou mais microssistemas em que a pessoa está inserida, como é o caso do microssistema familiar e microssistema da instituição de ensino superior; 3) exossistema, é o espaço onde o indivíduo não interage diretamente com o contexto, mas ainda assim sofre interferências indiretas do ambiente e 4) macrossistema, são os sistemas citados acima e se constitui por todos os elementos que envolvem a cultura, crenças, costumes da sociedade, além de incluir sistemas econômicos, políticos e sociais (Benetti, Vieira, Crepaldi & Schneider 2013).

A dimensão Tempo determina as mudanças do indivíduo ao longo de sua existência e age sobre os outros sistemas, apresentando-se na perspectiva temporal pessoal e histórica. Na perspectiva pessoal, o microtempo se articula com o tempo imediato e onde os processos proximais se realizam na vida do indivíduo. Como exemplo, as transformações biopsicológicas podem ocorrer com maior ou menor estabilidade, e estão diretamente ligadas ao aspecto temporal. O mesotempo abrange a frequência e extensão do tempo na realização dos processos proximais. O macrotempo engloba acontecimentos históricos (Bronfenbrenner & Morris, 2006).

Assim, o objetivo desse trabalho é analisar as vivências de mães universitárias durante a pandemia de COVID-19 na continuidade dos estudos em modalidade remota e o seu papel com o(s) filho(s) e outros membros da família. Buscou-se identificar interferências da pandemia na relação entre maternagem e a continuidade dos estudos no ensino remoto e identificar as principais estratégias de enfrentamento adotadas pelas mães universitárias durante a pandemia.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa seguiu a abordagem qualitativa exploratória, utilizando o referencial teórico da Teoria Bioecológica de Urie Bronfenbrenner com enfoque no Modelo PPCT. A perspectiva qualitativa foi usada para possibilitar o aprofundamento do conhecimento sobre as intenções, representações e atitudes do grupo de mães universitárias em sua especificidade sócio-histórica. Nesse sentido, os dados qualitativos produzidos se traduzem em descrições detalhadas de terminados eventos, interações e condutas, permitindo a imersão na vivência dos participantes e a avaliação do desenvolvimento natural dos acontecimentos. Ademais, a pesquisa segue com um alcance exploratório pela escassez de estudos sobre maternidade universitária, especialmente no contexto amazônico (Sampieri, 2013).

Participantes

Participaram da pesquisa cinco mães devidamente matriculadas em universidades públicas ou privadas do estado do Amazonas. A faixa etária das participantes variou entre 21 a 25 anos, e a de seus filhos(as), entre 1 e 4 anos. As mães, em sua maioria, possuíam apenas um filho (75%), enquanto algumas (25%) tinham dois filhos. Das cinco participantes, quatro estavam matriculadas em instituição pública e uma em universidade particular. Os cursos variaram entre Ciência da Computação, Medicina, Educação Física, Pedagogia e Psicologia. Os critérios de inclusão da pesquisa foram: ser mãe de criança com idades entre 1 e 4 anos e estar devidamente matriculada no ensino superior em qualquer universidade no Estado do Amazonas. Para preservar suas identidades, as participantes receberam os seguintes nomes fictícios: Bruna, Andressa, Norberta, Valentina e Ariel.

Procedimentos de Coleta de Dados

A coleta de dados ocorreu a partir de um grupo focal por meio da plataforma Google Meet com licença liberada pela Universidade Federal do Amazonas devido a pandemia de COVID-19. A propositura da estratégia de Grupo Focal (GF) se deu através de entrevista, conduzida por um moderador, que gerou dados qualitativos por meio da interação grupal. A aplicação do método proporcionou um entendimento ampliado sobre o tópico estudado, uma



vez que o contato com outros estimula a memória, discussões e debates (Millward, 2012).

Seguindo as sugestões de Morgan (1997), foram realizadas perguntas disparadoras de forma que a realização do grupo tivesse duração máxima de 2 horas. Nesse sentido, as perguntas foram criadas de forma a propiciar respostas significativas de cada participante e funcionar como um guia para a moderadora. No entanto, esses direcionamentos não foram cristalizados, ou seja, as questões foram colocadas pela moderadora de forma convidativa, favorecendo a expressão pessoal sincera (Millward, 2012).

As nove questões elaboradas para conduzir o Grupo Focal foram: 1) De que forma a pandemia alterou o seu cotidiano?; 2) O distanciamento social trouxe desdobramentos positivos e/ou negativos?; 3) Que dificuldades encontrou durante o home office?; 4) Algum familiar pôde auxiliar no cuidado do(s) filho(s) durante a pandemia?; 5) Que sentimentos surgiram diante do distanciamento social?; 6) Ocorreu alguma mudança na relação com o(s) filho(s) e familiares?; 7) Como se sentiu enquanto mãe e universitária diante das exigências diárias?; 8) Que estratégia foi utilizada para conciliar o cuidado ao(s) filho(s) e os estudos?; 9) Principais aprendizados ocorridos durante a pandemia.

Durante a realização do GF, a moderadora realizou uma gravação de áudio – com o consentimento das participantes – para posteriormente transcrever as falas em seu caráter integral.

Procedimentos de Análise de Dados

Os dados gerados nas atividades desenvolvidas no GF foram analisados a partir de análise temática de perspectivaêmica, de modo a considerar a experiência subjetiva das participantes com relação ao fenômeno em análise. Para tanto, foram seguidas seis fases: 1) familiarização com os dados, através de leitura repetitiva das transcrições; 2) reconhecimento de códigos iniciais, onde se organizaram os principais dados em grupos significativos; 3) pesquisa por temas, pela triagem de códigos em temas potenciais; 4) revisitação das temáticas e refinação do processo; 5) definição e nomeação de temas, para enfim iniciar uma análise detalhada; e 6) a escrita da pesquisa (Braun & Clarke, 2006).

De acordo com as etapas da análise, foram constituídos dois eixos principais para nortear a compreensão da pesquisa: eixo I – Adversidades vivenciadas pelas mulheres-mães universitárias; eixo II – Desdobramentos positivos frente às adversidades. O primeiro eixo foi analisado por meio de três subtemas cobrindo questões referentes aos desafios de exercer a maternidade durante a situação pandêmica, falta de rede de apoio e universidade como uma instituição não acolhedora. O segundo eixo discutiu estratégias para o enfrentamento da situação de COVID-19 e as possibilidades de crescimento pessoal e resiliência.

Procedimentos Éticos

O presente projeto de pesquisa foi avaliado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da Universidade Federal do Amazonas sob o parecer nº 5.142.428

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir dos relatos das mães, foi possível correlacionar a teoria bioecológica com suas realidades, desafios e sofrimentos. Dessa maneira, de acordo com o Modelo PPCT, as mães foram tomadas como a dimensão “Pessoa”, as relações com os familiares, filhos e universidade como a dimensão de “Processo”, a universidade como a dimensão “Contexto” e o momento histórico da pandemia de COVID-19 como “Tempo”. A inserção no ensino superior foi caracterizada como a “transição ecológica”. A partir da bidirecionalidade das relações – ou da falta delas – foi possível compreender a importância das redes de apoio em um desenvolvimento que promove qualidade de vida às mulheres-mães-universitárias.

Ressalta-se que Ariel estava impossibilitada de utilizar o microfone durante o GF, interagindo exclusivamente por mensagens escritas no chat. Suas respostas foram lidas na íntegra pela primeira autora para que fossem consideradas durante a transcrição.



Eixo 1- Adversidades Vivenciadas pelas Mulheres-Mães-Universitárias

Subtema 1 - Os desafios de exercer a maternidade na Pandemia no Contexto da Pandemia de COVID-19

As participantes Bruna, Andressa, Norberta e Valentina ficaram grávidas durante a pandemia e experienciaram diversos desafios nesse contexto. Como o isolamento social tornou-se a principal medida para evitar a propagação da doença, as mães, então gestantes, passaram parte da gravidez em casa, reclusas. Isso pode ser visto na fala de Bruna: “Eu não saía pra comprar pão, que era bem próximo da minha casa, eu não saía pra ir na frente de casa, porque o médico não tinha muito conhecimento da doença”. A mudança repentina da rotina acarretou sentimentos de solidão, tristeza e medo, pois quanto maior o tempo de isolamento, maiores foram os riscos de sintomas como raiva, depressão, irritabilidade, ansiedade, tédio e pânico, sentimentos impulsionados pela falta de constância e previsibilidade no comportamento do vírus (Bezerra et al., 2020).

Norberta comentou como é vivenciar longos períodos de confinamento: “parece que quando você é obrigada a ficar em casa, de manhã, de tarde, de noite, é um negócio, é estressante demais, e parece que tudo acontece, tem que fazer tudo ao mesmo tempo, aí é uma loucura”. A convivência prolongada com familiares no mesmo local pode promover o aumento do estresse, especialmente levando em consideração a necessidade de readaptação do espaço para acomodar demandas provindas do mundo externo, como trabalho, além da dificuldade em adaptar a rotina a esse novo arranjo (Linhares & Enumo, 2020).

Nesse sentido, o estreitamento das fronteiras entre o espaço laboral e pessoal, e por consequência, entre o espaço da execução das tarefas ligadas ao trabalho e afazeres domésticos, incluindo o cuidado aos filhos, pareceu ser um dos principais desafios para essas mães. Para conseguir dar conta de tudo, abriram mão de seu tempo pessoal, diminuindo atividades que envolviam autocuidado e lazer. Esse novo cenário colocou Bruna, Andressa, Norberta, Valentina e Ariel em uma gangorra, tentando equilibrar as jornadas de atividades que são duplas ou triplas.

Os trabalhos da esfera doméstica fazem parte do conjunto de representações fortemente associados ao feminino. Essas representações se localizam não apenas no mundo social (macrossistema), mas são fortemente introjetadas pelas mulheres, o que pode acarretar diversos sofrimentos e conflitos identitários, uma vez que a mulher-mãe se vê compelida a alcançar um padrão ideal difundido pela sociedade (Macêdo, 2020). Essa realidade se torna explícita na fala de Bruna: “[...] e em casa nunca falta trabalho pra fazer não, se você for ali tem louça pra lavar, se você for ali tem o filho pra dar banho, tem comida pra fazer, aí... Muito trabalho”.

De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua de 2022, as mulheres passaram 21,3 horas semanais realizando afazeres domésticos, contrastados por 11,7 horas para os homens, uma diferença de 9,6 horas. Esses dados revelam que apesar da inserção no mercado de trabalho, as mulheres ainda são vistas como as principais responsáveis pelos cuidados do lar, mais uma vez impelidas a construir uma rotina pessoal que atenda a todas as atividades e raramente reflitam em satisfação e desenvolvimento pessoal (Menezes et al., 2012).

Esse panorama demonstra como o ambiente doméstico (microsistema) das participantes passou a se tornar um espaço promotor de sentimentos negativos e desafiadores, com características contrárias ao processo proximal de competência. Assim, se evidencia o quanto as interações com o contexto podem facilitar ou dificultar o desenvolvimento pessoal, em uma troca bidirecional e interdependente constante.

Subtema 2 – O Suporte Social

O suporte social é composto por pessoas de relevância ao indivíduo, que fazem parte de uma troca afetiva que pode trazer desencadeamentos positivos ao desenvolvimento pessoal, além de possibilitar maior bem-estar e ajustamentos saudáveis frente as adversidades (Campeol, Benatti & Pereira, 2021). As participantes em sua maioria comentaram que a família é a principal fonte de suporte e, portanto, atua como fator protetivo em seu microsistema. O tipo de suporte mais comum nesses casos é o instrumental, que diz respeito ao auxílio em atividades específicas, como transporte ou realização de alguma tarefa (Poletto & Koller, 2008). Norberta

comentou como essa relação se deu em seu dia a dia: “Eu tenho minha mãe, só ela, só que é um apoio meio que agendado, porque ela trabalha muito então, assim, eu não gosto de incomodar ela, e como eu falei, é só quando eu tenho apresentação, eu já falo tal dia, tal horário, ela fica, mas eu evito muito.”

Larangeira & Nakamura (2023) apontam para a feminilização do cuidado, que se amplia para as avós, tias, irmãs, quase como uma consequência natural das relações familiares. Essa naturalização reforça o lugar ideal da mulher como cuidadora, especialmente quando se depositam nas mulheres as responsabilidades pelo sucesso na criação de uma criança, as responsabilizando por eventuais acontecimentos negativos. Sendo assim, “às mulheres cuidadoras não é concedido o direito de não existir” (Larangeira & Nakamura, p. 11, 2023), ao passo que os homens podem negociar sua paternidade e se ausentar dos cuidados com os filhos.

Nesse contexto, o suporte familiar é imprescindível para proporcionar estabilidade durante situações estressoras, além de prover um ambiente facilitador do desenvolvimento pessoal, por ser protetor e desencadeador de potencial de resiliência. Esses vínculos se caracterizam por um emaranhado de relações contínuas e recíprocas, que são baseadas no afeto, influências e equilíbrio de poder. Por conta da simetria entre os pares, a bidirecionalidade dessas relações proximais permite a interdependência e trocas mútuas, funcionando de forma sistêmica no ambiente ecológico dos sujeitos (uma mudança no sistema de um indivíduo repercute diretamente no outro). Estudos comprovam que indivíduos que convivem com uma família em que as relações possuem acolhimento, pertencimento e coesão são membros mais saudáveis emocionalmente (Poletto & Koller, 2008; Polônia, Dessen & Silva, 2005).

Subtema 3 - Universidade Não Acolhedora

O ingresso no ensino superior simboliza o nascimento de uma nova identidade: a de universitária. Nomeada de transição ecológica, Bronfenbrenner (1994) relata que esse fenômeno ocorre quando o sujeito se insere em outro ambiente e por conta disso, adota um novo status e novos papéis dentro de sua realidade ecológica. Decorrente de diversas mudanças, as transições propiciam evoluções desenvolvimentais, tendo em vista que em um

novo ambiente existe a possibilidade do surgimento de novas relações proximais, bem como novas redes sociais de relações (Polônia, Dessen & Silva, 2005).

Esse processo requer competências específicas, como realização de resenhas, leituras, contato com artigos acadêmicos, além da presença na sala de aula - um conjunto de aprendizados que constrói a identidade universitária (Urpia & Sampaio, 2011). Muitas vezes, as mães-universitárias encontram dificuldades no andamento da graduação: “eu queria ter mais tempo pra ler texto, porque tem professores que já são bem-organizados, disponibilizam tudo, ou então dão mais um tempo pra gente ler, mas tem uma professora em específico nesse semestre que não dá muito tempo” (Bruna).

O cenário pandêmico exacerbou uma realidade de sobrecarga e condição desfavorável já vivenciada por mães-universitárias, que agora possuem o desafio de gerenciar as responsabilidades de estudos, domésticas e maternas. Por conta do isolamento social, a distância com o espaço físico da faculdade se apresentou como uma adversidade, visto que a infraestrutura acadêmica oferecia a possibilidade de utilizar bibliotecas, aparelhos eletrônicos, conexão com internet e refeições por um preço acessível. Bruna comenta como é difícil não ter acesso a esses instrumentos durante a pandemia: “a gente tem laboratório, biblioteca, em casa a gente não tem tudo isso, eu, no caso, eu só tô com meu celular, que meu notebook deu problema, e aí? No celular é difícil você editar um trabalho, você ler um texto”.

Outra mudança sentida pelas participantes foi a necessidade de readaptar as rotinas para realizar as atividades acadêmicas, e por conta das aulas remotas, a presença das crianças durante as aulas, ou até mesmo com aparições inesperadas, se tornaram comuns. Norberta explica esse momento: “tem vezes que eu tô apresentando e eu tenho que ir lá fora carregar ele pra ficar brincando, porque senão ele fica chorando do meu lado. É sempre na aula, é incrível, ele começa a chorar, começa a falar, aí eu tenho que dar meus ‘pulos’.

Quanto às relações no ambiente acadêmico, todas as estudantes relataram algum episódio de violência vivenciado na universidade. As díades, ponto chave na teoria bioecológica, dizem respeito à interação interpessoal. Para que as relações tenham uma influência positiva no desenvolvimento individual, é necessária uma troca mútua, a interdependência, também conhecida como

bidirecionalidade (Bhering & Sarkis, 2009). Norberta, Valentina e Ariel descrevem os momentos em que sofreram constrangimentos e violências:

“O professor estava fazendo a chamada e chegou no meu nome e era a segunda vez que eu estava fazendo a matéria. Na primeira vez não consegui terminar porque estava gestante e o professor sabia, mesmo assim, ele falou 'Norberta, aquela que reprovou comigo? Espero que agora seja diferente', sendo que ele sabia, porque eu conversei com ele que não conseguiria ir em todas as aulas” (Norberta); “Tive que ouvir de um professor que eu estava com preguiça por não ter feito um trabalho” (Ariel); “[...] já teve uma vez que a professora veio e falou bem assim ‘poxa, por que que você foi ter filho? Era pra fazer faculdade’, e aí eu ‘poxa professora, desculpe’. A gente acaba, a gente mesma acaba se sentindo mal por algo que nem a gente que fez” (Valentina).

Os relatos comprovam que a relação docente-discente não possui características básicas de díades, uma vez que não existe reciprocidade ou flexibilidade quanto a prazos para entrega de atividades, há um desequilíbrio de poder entre as partes, e por consequência, não é possível desenvolver afetos positivos, já que as relações são marcadas pela assimetria. Dessa maneira, as relações proximais na universidade ficam comprometidas, tendendo a causar resultados disfuncionais e influenciar no processo de aprendizagem, bem como na permanência no ensino superior (Polônia, Dessen & Silva, 2005).

O exercício do poder e a violência estão, muitas vezes, relacionados e imbricados em diversos ambientes da sociedade. A violência estrutural, por exemplo, se ancora em uma ideologia que exclui determinados grupos sociais, exacerbando desigualdades que vão sendo reproduzidas por todo o macrossistema, até atingir o indivíduo. Outro tipo de violência é a simbólica, muito mais sutil, e por consequência, difícil de ser identificada, pois se reproduz pelas palavras e gestos, na linguagem. Ocorre um exercício de poder onde se busca legitimar a dominação impondo determinada significação (como arte, religião), desclassificando qualquer pensamento, e, no caso das mães entrevistadas, vivências diferentes (Bispo & Lima, 2014).

Esse contexto cercado por violências simbólicas e verbais que aparece nas falas de Norberta, Valentina e Ariel demonstram um cenário em que os docentes estão despreparados para lidar com diferentes contextos de vida;

a insensibilidade, inflexibilidade e falas constrangedoras são um reflexo dos desafios enfrentados por mães universitárias em todo o país.

Eixo 2 - Desdobramentos Positivos Frente às Adversidades

Subtema 1 - Estratégias para Enfrentamento da Situação Pandêmica

A partir dos inúmeros desafios exacerbados pela pandemia de COVID-19, as mulheres-mães-universitárias precisaram adotar estratégias para conseguir se adaptar à realidade das aulas remotas, a fim de permanecerem inseridas no ensino superior sem deixar de prestar os cuidados necessários aos filhos.

Na maior parte do tempo as mães aprenderam a se desdobrar para realizar mais de uma atividade ao mesmo tempo. A adoção de tais estratégias influencia diretamente na qualidade do ensino e aprendizagem, no rendimento acadêmico, além de contribuir para a exaustão física e emocional (Silva, Benitez, Mizael & Pasian 2021). As falas a seguir demonstram as diversas funções desempenhadas pelas participantes:

“[...] uma das estratégias que eu adotei é deixar o celular mais perto possível de mim, o professor vai dando a explicação e eu aprendi a ouvir ali e ir fazendo minhas coisas” (Bruna); “[...] me tranco no banheiro, choro, tomo banho e depois volto. O tempo que eu escrevo o TCC é o tempo que meu filho está dormindo” (Andressa).

Apesar das adversidades, esse momento propiciou o reforço da criatividade e inovação, características da dimensão Pessoa. O despertar das disposições comportamentais ativas, dos recursos e demandas deram espaço para a desenvoltura de atividades diferentes no espaço familiar e de criações, muitas vezes compartilhadas de forma online. A possibilidade de realizar e experimentar situações que ainda não foram testadas através da criatividade possui grande importância nos momentos de adversidade, pois além de desencadear sentimentos de otimismo e esperança, também podem transformar o contexto do indivíduo, que antes enxergava apenas os danos, a partir da obtenção de oportunidades de crescimento.

Subtema 2 - Crescimento Pessoal e Resiliência

Para enfrentar obstáculos vivenciados em seu cotidiano, as mulheres-mães-universitárias apresentaram potencial de resiliência por conseguir desenvolver métodos adaptativos frente a esses momentos desafiadores. De acordo com Andressa: “[...] eu aprendi que por mais que tudo esteja desmoronando, se a gente tiver saúde, e um ao outro, tudo se resolve. Às vezes só precisa passar uns dias e aí as coisas melhoram e tudo se encaixa, nada fica muito ruim por muito tempo, aí às vezes, bem depois melhora, então tudo realmente passa”.

Andressa destacou ainda a importância de uma rede de apoio durante esses momentos, o que se alinha com o que Poletto e Koller (2008) exemplificam ser uma das principais características de um fator protetivo – o de modificar as respostas negativas frente às situações de risco. Também se destaca o acúmulo de experiências passadas e as habilidades para lidar de forma saudável com momentos difíceis, ou seja, os atributos da Pessoa inserida no contexto bioecológico (Benetti, Vieira, Crepaldi & Schneider 2013).

Sendo assim, as participantes demonstraram possuir características pessoais de força, ainda que diante de um cenário desafiador. As relações mais próximas, no nível do microssistema, se tornaram uma rede de apoio essencial para promover o crescimento pessoal das mulheres-mães e aumentar a resiliência para continuarem a graduação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio dos objetivos do estudo, buscou-se compreender as vivências de mulheres mães e universitárias, identificando os desafios e sofrimentos experimentados durante a pandemia de COVID-19 pelo olhar da teoria de Bronfenbrenner, que propõe uma visão sistêmica do ser humano, sugerindo que o ambiente e as relações influenciam diretamente seu desenvolvimento.

Os resultados demonstraram uma realidade já existente, porém, agora intensificada pelo isolamento social: as mães sofrem com a sobrecarga de funções, muitas vezes sem uma rede de apoio que as auxiliem, ou com pouco comprometimento dos companheiros em executar tarefas domésticas. O suporte afetivo extenso das participantes é carregado por figuras femininas, demonstrando que a desigualdade de gênero permanece, apesar das transformações sociais dos últimos séculos.

A pandemia propiciou um contexto de maior vulnerabilidade a essas mulheres, que por conta das inúmeras responsabilidades cotidianas, estão mais suscetíveis a desenvolver sintomas de exaustão física e mental, além de comprometimento na qualidade de vida, que vai desde a desregulação do sono, até alteração de humor e reclusão. Em relação à continuidade dos estudos de forma remota, a maior dificuldade encontrada pelas participantes foi a inflexibilidade dos docentes, muitas vezes levando a situações de violência institucional e simbólica, o que contribuiu para a exclusão das mães do espaço acadêmico.

O entendimento sistêmico da realidade materna explicita a importância de uma rede de apoio que atue como protetora. Isso deve ser constituído não apenas pelos familiares e a rede social mais próxima, como por diversos ambientes em que essas mulheres se incluem, como o trabalho, a faculdade, a escola. Ressalta-se a importância da existência de programas e projetos voltados para a inclusão e permanência materna nas universidades, além de um exercício docente comprometido com a criação de ambientes acolhedores e com as particularidades de ser mãe e universitária.

Para estudos futuros, indica-se uma seleção maior de participantes, em prol de melhor compreensão das vivências maternas e de como a estruturação ecológica dessas mulheres interfere diretamente em sua qualidade de vida e desenvolvimento pessoal.



REFERÊNCIAS

- BEZERRA, C. B.; SAINTRAIN, M. V. de L.; BRAGA, D. R. A.; SANTOS, F. da S.; LIMA, A. O. P.; BRITO, E. H. S. de; PONTES, C. de B. Impacto psicossocial do isolamento durante a pandemia de covid-19 na população brasileira: análise transversal preliminar. *Saúde e Sociedade*, v. 29, n. 4, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902020200412>
- BHERING, E.; SARKIS, A. Modelo bioecológico do desenvolvimento de Bronfenbrenner: implicações para as pesquisas na área da Educação Infantil. *Horizontes*, v. 27, n. 2, 2009.
- BISPO, F. S.; LIMA, N. L. de. A violência no contexto escolar: uma leitura interdisciplinar. *Educação em Revista*, v. 30, n. 2, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-46982014000200008>
- BORSA, J. C.; NUNES, M. L. T. Aspectos psicossociais da parentalidade: o papel de homens e mulheres na família nuclear. *Psicologia Argumento*, v. 29, n. 64, p. 31-49, 2011.
- BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006.
- BRONFENBRENNER, U. Ecological models of human development. In: GAUVAIN, M.; COLE, M. (eds.). *International encyclopedia of education*. Oxford: Elsevier, 1994. v. 3, p. 1643-1647.
- BRONFENBRENNER, U.; MORRIS, P. A. The bioecological model of human development. In: DAMON, W.; LERNER, R. M. (eds.). *Handbook of child psychology: theoretical models of human development*. 6. ed. New York: Wiley, 2006. p. 793-828.
- CAMPEOL, Â. R.; BENATTI, A. P.; PEREIRA, C. R. R. A paternidade monoparental na inter-relação com os contextos ecológicos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 41, 2021.
- BENETTI, C. I.; VIEIRA, M.; CREPALDI, M.; SCHNEIDER, D. Fundamentos da teoria bioecológica de Urie Bronfenbrenner. *Pensando Psicologia*, v. 9, n. 16, 2013. DOI: <https://doi.org/10.16925/pe.v9i16.620>
- CARVALHO BARRETO, A. de. Paradigma sistêmico no desenvolvimento humano e familiar: a teoria bioecológica de Urie Bronfenbrenner. *Psicologia em Revista*, v. 22, n. 2, p. 275-293, 2016. DOI: <https://doi.org/10.5752/P.1678-9523.2016V22N2P275>
- LARANGEIRA, J. P.; NAKAMURA, E. “Porque eu tinha que cuidar”: significados de cuidado para mulheres cuidadoras de crianças atendidas por um serviço de saúde mental. *Interface: Comunicação, Saúde, Educação*, v. 27, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/interface.220438>
- LAGO, M. F. do; DOUVLETIS, E.; ANDRADE, C. de J.; BENINCASA, M. The mental health of women facing maternity and career reconciliation in the time of the Covid-19 pandemic: a case study with health professionals. *Research, Society and Development*, v. 11, n. 10, 2022. DOI: <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i10.32886>
- LINHARES, M. B. M.; ENUMO, S. R. F. Reflexões baseadas na psicologia sobre efeitos da pandemia COVID-19 no desenvolvimento infantil. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, v. 37, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200089>
- MACÊDO, S. Ser mulher trabalhadora e mãe no contexto da pandemia COVID-19: tecendo sentidos. *Revista do NUFEN*, v. 12, n. 2, p. 187-204, 2020. DOI: <https://doi.org/10.26823/RevistadoNUFEN.vol12.n02rex.33>
- MENEZES, R. de S.; SANTOS, T. S. dos; VELOSO, N. de O.; FREITAS, V. N. de; SANTOS, M. S.; MOHAMAD, A. A. R. Maternidade, trabalho e formação: lidando com a necessidade de deixar os filhos. *Construção Psicopedagógica*, v. 20, n. 21, p. 23-47, 2012.
- MORGAN, D. L. Focus groups as qualitative research. Thousand Oaks: Sage, 1997.
- NARVAZ, M. G.; KOLLER, S. H. O modelo bioecológico do desenvolvimento humano. In: KOLLER, S. H. (org.). *Ecologia do desenvolvimento humano: pesquisa e intervenção no Brasil*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p. 51-66.
- OLIVEIRA, A. C. de; LUCAS, T. C.; IQUIAPAZA, R. A. What has the COVID-19 pandemic taught us about adopting preventive measures? *Texto & Contexto - Enfermagem*, v. 29, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2020-0106>

PESQUISA NACIONAL POR AMOSTRA DE DOMICÍLIOS CONTÍNUA 2022. Em 2022, mulheres dedicaram 9,6 horas por semana a mais do que os homens aos afazeres domésticos ou ao cuidado de pessoas. Agência IBGE Notícias, 2022.

POLETTTO, M.; KOLLER, S. H. Contextos ecológicos: promotores de resiliência, fatores de risco e de proteção. Estudos de Psicologia (Campinas), v. 25, n. 3, p. 405-416, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2008000300009>

POLÔNIA, A. da C.; DESSEN, M. A.; SILVA, N. L. P. O modelo bioecológico de Bronfenbrenner: contribuições para o desenvolvimento humano. In: DESSEN, M. A.; COSTA JÚNIOR, Á. L. (orgs.). A ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais e perspectivas futuras. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 71-89.

SÁ, C. dos S. C. de; POMBO, A.; LUZ, C.; RODRIGUES, L. P.; CORDOVIL, R. COVID-19 social isolation in Brazil: effects on the physical activity routine of families with children. Revista

Paulista de Pediatria, v. 39, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/1984-0462/2021/39/2020159>

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, M. P. B. Metodologia de pesquisa. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

SILVA, E. L. da; BENITEZ, P.; MIZAE, T. M.; PASIAN, M. S. Portrait mother's narratives in the academic context. SciELO Preprints, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.2577>

URPIA, A. M. de O.; SAMPAIO, S. M. R. Mães e universitárias: transitando para a vida adulta. In: SAMPAIO, S. M. R. (org.). Observatório da vida estudantil: primeiros estudos. Salvador: EDUFBA, 2011. p. 145-168.

VISINTIN, C. D. N.; AIELLO-VAISBERG, T. M. J. Maternidade e sofrimento social em mommy blogs brasileiros. Psicologia: Teoria e Prática, v. 19, n. 2, p. 98-107, 2017. DOI: <https://doi.org/10.5935/1980-6906/psicologia.v19n2p98-107>

